

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

RUTHMARY FERNANDA DE SOUZA FERNANDES

A PESSOA HUMANA E O HUMANESCER NA DOCÊNCIA

Juiz de Fora - MG

2022

RUTHMARY FERNANDA DE SOUZA FERNANDES

A PESSOA HUMANA E O HUMANESCER NA DOCÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na modalidade artigo acadêmico como atividade prerrogativa para a conclusão da Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientadora: Profa. Dra. Sandrelena da Silva Monteiro

Juiz de Fora - MG

2022

Dedico este trabalho à minha
família pelo incentivo, apoio e
amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Todos os agradecimentos seriam falhos para dizer o quanto fui acrescida durante o processo de realização deste trabalho. Mas também, não seria justo deixar de agradecer...

Por isso, inicio agradecendo à Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, por estar presente em todos os momentos, por me guiar ao longo desse percurso e me conceder saúde, paz, força e sabedoria para realizar este sonho.

Agradeço à minha Mãe Sebastiana, ao meu Pai Fernando, e ao meu Irmão Pedro, sem eles com certeza a tarefa teria sido muito mais árdua.

Agradeço profundamente às minhas queridas avós Ruthe (in memoriam), e Loynha que sempre foram exemplos de dignidade e a todas as tias, tios, primos, primas e amigos que com seu incentivo me fizeram chegar à conclusão do meu curso e começo de uma nova carreira.

Agradeço imensamente ao Grupo de Pesquisa Acolhe em especial, a minha orientadora Professora Sandrelena Monteiro pela orientação, disponibilidade, paciência, contribuição, confiança, e pelos sábios conselhos sempre que a procurei para conversar, cuja participação foi fundamental para a realização desse trabalho.

Agradeço também a Professora Olga Egas, por aceitar ser avaliadora e ter contribuído tanto para a conclusão deste estudo.

Sou grata a todos que participaram direta e indiretamente de minha formação. Aos familiares, amigos e mestres, o meu “muito obrigada”!

“Quando a circunstância é boa, devemos desfrutá-la; quando não é favorável devemos transformá-la e quando não pode ser transformada, devemos transformar a nós mesmos.”

Viktor Frankl

A PESSOA HUMANA E O HUMANESCER NA DOCÊNCIA

Autora: Ruthmary Fernanda de Souza Fernandes¹

Orientadora: Prof.^a Dra. Sandrelena da Silva Monteiro

Avaliadora: Prof.^a Dra. Olga Egas

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo inicial apresentar a pessoa humana em sua integralidade. Pessoa essa, capaz de estabelecer relações com outras pessoas, envolvidos em dimensões éticas, e que têm suas percepções, escolhas e valores salientados no encontro com o outro. Tendo contextualizado a Pessoa Humana, abordaremos em seguida, o segundo objetivo do trabalho, que é, discorrer sobre o que é o humanescer na docência. Buscamos, por meio deste trabalho, tecer reflexões acerca desse assunto com base nas leituras dos autores principais Maria Glória Ditrich e Viktor Frankl. Esperamos que essa exposição teórica nos ajude a elaborar práticas docentes onde estejamos atentos ao cuidado necessário conosco e com o outro a fim de não deixar que o cotidiano acelerado atropela a humanidade que há em nós.

Palavras-chave: Pessoa Humana, Humanescer na Docência, Cuidado.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como primeiro objetivo apresentar a pessoa humana em sua integralidade. Ser humano este que se apresenta em sua complexidade e que tem a possibilidade e direito de organizar-se e conduzir-se da maneira que lhe compraz. Que vive em uma sociedade diversa, com pessoas e culturas múltiplas. Que é capaz de estabelecer relações com outras pessoas, modo pelo qual, enquanto seres dialógicos, envolvidos em dimensões éticas, têm suas percepções, escolhas e valores salientados no encontro com o outro. Para abordarmos este tema, traremos como referência autores como Frankl (2017),

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora, vinculada ao Grupo Acolhe: estudos e pesquisas em Educação Desenvolvimento e Integralidade Humana (ACOLHE/NEPED/FACED/UFJF).
ruthmaryjf@gmail.com

Esperandio e Ruthes (2019) e Aquino (2021) que tratam sobre o ser humano de forma integral e que acreditam que esse se eterniza a cada escolha feita frente às situações que a vida lhe impõe.

Tendo contextualizado este ser humano integral, abordaremos em seguida, o segundo objetivo do trabalho, que é, discorrer sobre o que é o humanescer na docência e para que ocorre, tendo base em autores como Dittrich e Meller (2021), Beauclair (2011) e Lucchetti (2013).

Sabendo que a condição humana, é marcada por oscilações e controvérsias, é possível na vida encontrar meios que auxiliem e direcionem para dimensões mais filosóficas, em que valores como bondade, solidariedade, amor, respeito e ética, qualidades especificamente humanas, propiciem a religação de saberes, e de pessoas, no resgate do humano no humano. Aqui a possibilidade do humanescer, do deixar nascer no humano o que é constitutivamente humano, a liberdade, a criatividade e a espiritualidade, proporcionando assim, uma vida mais dinâmica e com sentido.

Compreender sobre o humanescer na docência é imprescindível na formação e atuação de professores, pois, o educar em sala de aula exige do professor muito além de ensinar conteúdos e avaliar os alunos, o docente deve ser uma pessoa sensível, disposta a aprender e aberto para experiências.

Este trabalho, utiliza-se metodologicamente de pesquisa bibliográfica, buscando para tanto, autores que trazem em sua pesquisa questões que abordam o ser humano integral, espiritualidade, e o humanescer. Para tanto, artigos científicos encontrados na SciELO, livros e lives disponibilizadas na plataforma virtual Youtube foram utilizadas como referências para o estudo.

O texto será estruturado de maneira a contemplar o objetivo do trabalho, com uma apresentação da concepção de espiritualidade, e humanescer. E por fim, algumas considerações em torno das construções realizadas.

O Ser Humano em uma concepção de integralidade

Ao trazermos uma concepção de ser humano em sua integralidade, tomamos como referencial a Teoria de Viktor Emil Frankl. Frankl (1905-1997) nasceu em Viena, capital da Áustria, em 1905, em um berço judeu. Foi psiquiatra e neurologista, prisioneiro da segunda

guerra mundial, preso de número 119.104, sobrevivente à barbárie de 4 campos de concentração nazistas. Criador da Logoterapia e Análise Existencial e autor de muitos livros.

A Logoterapia e Análise Existencial é considerada a terceira escola vienense de psicoterapia, precedida pela Psicanálise de Freud e pela Psicologia Individual de Adler.

De acordo com Aquino et al (2011, p.148)

Esse autor concebeu a modalidade de psicoterapia por via do sentido da existência humana já na década de 30, e, por ocasião da II Guerra Mundial, validou pessoalmente suas concepções teóricas nos campos de extermínio nazista como prisioneiro comum, registrando-as, após a sua libertação, em seu livro *Ein Psycholog erlebt das Konzentrationslager* (Um Psicólogo no Campo de Concentração). O termo logoterapia deriva de logos, que significa sentido, e o termo terapia (θεραπεία), cura ou cuidado, sendo a cura efetivada através do sentido da existência.

Ao narrar sua experiência enquanto prisioneiro dos campos de concentração, Frankl relata sobre o que percebia no lugar, as pessoas, os fiscais, e as imagens chocantes que ficaram gravadas na memória. Cercado por fios elétricos era impossível sair dos campos, fios estes que eram buscados de forma intencional por muitos prisioneiros para darem cabo à suas próprias vidas. No campo, a postura de Frankl foi “não ir para o fio”, sua experiência corroborou para a validação de sua teoria. Uma formulação que aponta para a profundidade do estudo e conhecimento de Frankl é a que se resume em “O ser humano é um ser incondicionalmente livre, é o ser que constrói a câmara de gás e também o que entra na câmara de gás, de cabeça erguida, com um Pai Nosso ou um Shemá Israel nos lábios”(Frankl, 2017, p.88).

Em sua teoria, Frankl afirma que só vale apenas viver se houver sentido na vida, “todo ser humano tem a vontade de buscar um sentido para a vida, e esta vontade é precisamente a principal força motivadora da pessoa. No momento em que a pessoa se pergunta sobre o sentido da vida, expressa o que há de mais humano em si (FRANKL, 2008, p. 46)”. Para Frankl (2017, p 57)

O que se faz necessário aqui é uma viravolta em toda a colocação da pergunta pelo sentido da vida. Precisamos aprender e também ensinar às pessoas em desespero que a rigor nunca e jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós. Falando em termos filosóficos, se poderia dizer que se trata de fazer uma revolução copernicana. Não perguntamos mais pelo sentido da vida, mas nos experimentamos a nós mesmos como os indagados, como aqueles aos quais a vida dirige perguntas diariamente e a cada hora - perguntas que precisamos responder, dando a resposta adequada não através de elucubrações ou discursos, mas apenas através da ação, através da conduta correta. Em última análise, viver não significa outra coisa que arcar com a responsabilidade

de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento.

O sentido da vida não é algo invariável, nem muito menos inerte, ao longo da vida do ser humano, uma vez que “difere de pessoa para pessoa, de um dia para o outro, de uma hora para outra. O que importa, por conseguinte, não é o sentido da vida de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento” (FRANKL, 2017, p.74)

O autor inaugura três caminhos possíveis que dão sentido à vida humana. Os valores criativos, os valores vivenciais e os valores atitudinais.

Os valores criativos (pelos quais o homem dá algo ao mundo, por meio da ação concreta, da realização de algo - por exemplo, no trabalho); os valores vivenciais (pelos quais o homem recebe algo do mundo, frui do que há de belo, como uma paisagem natural, um pôr-do-sol, um filme, ou quando o sujeito se entrega à pessoa amada); e os valores de atitude (a pessoa pode se posicionar de forma digna frente ao sofrimento inevitável) (FRANKL, 1946/1989a, p.79).

Nos valores criativos o homem se encontra aberto para o mundo, isto é, ele é um ser humano que transforma por meio da ação criativa um aspecto no mundo. Nos valores vivenciais encontramos o ser humano que ama, que se abre para o outro e que recebe algo do mundo, pois ao vivenciar algo ou alguém o ser humano encontra ou realiza sentidos na sua própria existência. E por fim, temos os valores atitudinais, onde o homem encontra sentido em uma situação trágica, em um destino sofrível, pois quando o homem não pode criar, amar ou contemplar, ainda assim, nesta condição de sofrimento, o homem também pode encontrar sentido.

Para ele o sofrimento faz parte da vida, e um dos valores atitudinais é encontrar sentido nesta vida, apesar de qualquer situação.

Só há razão de continuar seguindo na vida se o ser humano atribuir sentido a isso. Para Frankl (FRANKL, 2008, p. 203), “a pessoa conhece a si mesma na medida em que vai cumprindo suas tarefas cotidianas e que vive o que tem sentido em cada situação”. Para muitos “a vida ter sentido” significa “na vida ter tarefas a cumprir” (FRANKL, 2017, p.88). “O sentido precisa ser encontrado, descoberto, e não criado” (FRANKL, 2008, p.223).

Seguindo neste raciocínio, Frankl afirma que, quando não há um sentido para se estar vivendo, ocorre o Vazio Existencial, isto é, a pessoa não atribui sentido a nada que faz, não atribui sentido no estar vivendo. Para Aquino et al (2011, p.149)

Frankl (2005) concebe que, atualmente, o fenômeno de massa que caracteriza a juventude é o vazio existencial ocasionado pela impossibilidade de atender a motivação primária do ser humano: a vontade de sentido. Esse mal-estar de nossa civilização se manifesta através do tédio e da sensação de que a vida não tem sentido. Na dimensão societal, apresenta-se através dos seguintes sintomas: drogadição, agressão e suicídio.

Estas manifestações do vazio existencial podem ser prejudiciais para a vida humana e cada pessoa tem a opção de escolha de adentrar ou não nestes caminhos perigosos dos vícios, tentativas e consumação de atentados contra a própria vida, já que “o homem não é livre de suas contingências, mas, sim, livre para tomar uma atitude diante de quaisquer que sejam as condições que sejam apresentadas a ele” (FRANKL, 2011, p.26). Essa liberdade se manifesta na dimensão noética do ser humano. Este princípio opõe-se ao determinismo, posto que o homem é um ser livre e responsável pelas suas próprias decisões. A tensão existencial entre dever ser e ser ocorre a cada momento que a vida pede algo, pois o ser humano é atraído por aquilo que mais tem sentido.

Para entender a dimensão noética, vale destacar que, uma das grandes contribuições de Viktor Frankl está na sua conceituação de ser humano alicerçado sobre três pilares. De acordo Penna e Aquino (2016, p.3)

a concepção de Frankl se baseia em uma visão tridimensional do ser humano, formado a partir das dimensões somática, psíquica e noética (ou espiritual/noológica). A primeira é constituída pelos fenômenos corporais do homem, ou seja, sua estrutura orgânica e fisiológica. A segunda dimensão – chamada de dimensão psíquica – inclui os aspectos relacionados às sensações, os impulsos, o intelecto, além dos comportamentos adquiridos, dentre outros. Por fim, a dimensão espiritual/noológica, também chamada de nous (espírito), que diz respeito à dimensão especificamente humana.

A dimensão espiritual é a dimensão específica do ser humano, Aquino (2021, n.p), relata que

[...] para Frankl, ela é definida como movimento, e direciona-se para a realização de valores e sentidos no mundo. Mesmo tendo esta conceituação do homem alicerçada sobre três pilares, Frankl acredita que o ser humano é unidade. Para Frankl o ser humano é ontológico, isto é, ele é um ser biológico, psíquico e noético.

O conceito de transcendente entendido pela espiritualidade, revela que o movimento do espírito se dirige para além de si mesmo, transcendente para a horizontal, para o mundo, para as relações com as pessoas, natureza, animais e si próprio.

De acordo Frankl (2017, p.99) a

[...] “autotranscendência” da existência quer dizer que o ser humano significa dirigir-se além de si mesmo para algo diferente de si mesmo, para alguma coisa ou alguém. Em outras palavras, o interesse preponderante do ser humano não é por quaisquer condições internas dele próprio sejam elas prazer ou equilíbrio interior, mas ele é orientado para o mundo lá fora e neste mundo procura um sentido que pudesse realizar ou uma pessoa que pudesse amar.

A compreensão acerca do ser humano, trazido neste texto, pretende ir além do que se pode enxergar na dimensão biológica, colocando em pauta sua compreensão como ser integral: bio-psíquico-espiritual, vivendo condições histórico-culturais próprias.

Espiritualidade, uma dimensão exclusivamente humana

De acordo com Ruthes e Esperandio (2019, p. 242) “desde que a (OMS) estabeleceu o conceito de saúde como o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas ausência de doença a relação entre espiritualidade e saúde passou a ter um amplo foco de estudo no campo das Ciências”.

No contexto hospitalar, de acordo Forti et al (2020, p.1464)

[...] a OMS (Organização Mundial de Saúde), em 1999, passou a descrever a qualidade de vida como multidimensional, nas dimensões física, psíquica, social e espiritual. A Associação Mundial de Psiquiatria (WPA) afirma que, no campo da saúde, a religiosidade/espiritualidade possui implicações significativas para prevalência, diagnóstico, tratamento, desfechos clínicos e prevenção de doenças.

O ser humano não é apenas a matéria enxergada através dos traços físicos constitutivos, o ser humano é dotado de uma dimensão subjetiva e imaterial, que não pode ser vista, a Espiritualidade, esta difere o ser humano dos outros animais, pois “o animal não é pessoa, visto que ele não carrega consigo valores atitudinais, vivenciais e criativos, sendo assim, o animal não é uma pessoa, mas uma pessoa é um animal, contudo não como um animal o é” (CARMELO, 2021, p.62).

O conceito de Espiritualidade tem sido mais pesquisado e estudado, nos últimos anos. Aqui concebe espiritualidade como sendo a inclinação humana para buscar um sentido na vida, assim como Frankl (2011) aponta em sua teoria. Este sentido pode não estar ligado a si próprio, mas ser algo transcendental, ou seja, algo além de si, inexplicado pela matéria que extrapola a razão e o comum. A espiritualidade pode estar na conexão consigo, com o divino, com pessoas, com a arte, com a natureza ou até mesmo com a religião, embora essa última

não seja um fator essencial. Ela, em cada indivíduo é permeada por convicções e valores próprios.

A qualidade de vida, é abalada por muitos desafios durante o percurso de vida, desde o nascimento, até a morte de uma pessoa. A dimensão biológica, muitas vezes é afetada por doenças crônicas e agudas, que de forma muito direta interferem na relação estabelecida da pessoa com o meio em que está inserida. As doenças interferem na saúde humana a tal ponto de restringir e limitar as pessoas em suas tarefas e necessidades diárias, como por exemplo, alimentação e exercícios físicos, e são necessários, para estabilizá-las, tratá-las e erradicá-las, cuidados efetivos para que não se prologuem ou avancem em seus danos e sintomas no corpo e conseqüentemente na saúde.

Como supracitado, diversos desafios interferem na saúde humana, sendo acrescido a eles—“os desafios econômicos, políticos, sociais, ecológicos, culturais e religiosos que muitas vezes tornam-se verdadeiros abismos expropriadores que solapam a energia saudável da pessoa e ofuscam o seu olhar diante dos fenômenos do mundo” (DITTRICH, 2013, p.20).

Tais desafios penetram a intimidade do indivíduo, e o adoecem, neste sentido, o corpo físico aparentemente se apresenta bem e saudável, mas o espírito humano, frente às questões cotidianas, muitas vezes se encontra abatido, angustiado e ansioso. Com o avançar científico e das eras, as pessoas foram deixando de lado questões constitutivas do ser humano, como por exemplo, as emoções. As tarefas corriqueiras e o modo de vida adotado por muitas pessoas, são alguns fatores que corroboram para um certo “esquecimento” de si. As obrigações foram tomando o tempo das pessoas, ao ponto de que estas ignoram sua integralidade humana para responder as questões que suas prioridades materiais lhes apresentam. Prioridades essas, que deixaram de incluir o corpo humano e a saúde nas dimensões física, psíquica, social e espiritual. As atribuições causadas pela rotina das tarefas, se acumulam, e as pessoas, por sua vez, não buscam um tempo para examiná-las e resolvê-las. Os indivíduos, em não raras situações, amontoam estas inquietações consigo e estas vão esgotando sua energia vital, a saúde.

O racionalismo cartesiano, isto é, a concepção que defende a ideia de que o ser humano é capaz de construir o próprio pensamento, “dizia que fora do pensamento nada existe. Existir é pensar (...) essa visão confirma a redução do ser humano à sua razão. A alma dele é razão, é pensamento racionalizado” (DITTRICH, 2013, p.21). Com isso, a dimensão noética/espiritual humana foi sendo deixada de lado, focando apenas nas questões materiais, palpáveis, ignorando os sentimentos, a subjetividade e a essência humana.

O que outrora Freire (2021, p.89) nos relatou: “Acho que uma das melhores coisas que podemos experimentar na vida, homem ou mulher, é a boniteza em nossas relações, mesmo que, de vez em quando, salpicadas de descompassos que simplesmente comprovam nossa gentetude” foi sendo soterrada pela concepção do racionalismo. As relações, suas nuances e suas subjetividades vão sendo substituídas por produções.

O dito até aqui aponta para a necessidade de se–reconhecer esta característica especificamente humana: a Espiritualidade. Mas, afinal o que é espiritualidade? Estaria relacionada com religiosidade? Importante se faz entender uma e outra.

Aquino (2021, p.34) nos ajuda nesta compreensão:

Na religiosidade, o movimento do espírito se dirige além de si mesmo para um Tu transcendente ou um ser supramundano; na espiritualidade, por sua vez, esse movimento é também transcendente, mas permanece no nível mundano, pois direciona-se para a realização de valores e sentidos no mundo. O que há em comum entre ambas? Tanto a religiosidade quanto a espiritualidade são compreendidas como fenômenos humanos que representam uma busca de sentido (FRANKL, 2011). A espiritualidade nesse olhar seria uma qualidade ontológica do ser em que se originam os fenômenos humanos primários, tais como: liberdade, responsabilidade, vontade, intencionalidade, interesses artísticos, criativos e valorativos (LUKAS, 1989). Assim, a espiritualidade transcende para a horizontalidade do ser, enquanto a religiosidade aponta para a sua verticalidade, em direção a um supra-Ser.

Desta forma, a espiritualidade é inata a todos e quaisquer seres humanos, já a religiosidade é opcional, cada ser humano tem a possibilidade de escolher ser ou não religioso, e vai além, o ser pode escolher à qual religião pertencer, tendo liberdade para até mesmo criar algo que satisfaça a seu credo.

Para Forti et al (2020, p.1464)

O conceito de espiritualidade apresenta ao menos dois pontos de vista. No primeiro deles, a espiritualidade é entendida como uma busca pelo significado da vida e o relacionamento com o sagrado/transcendente. Sob um segundo ponto de vista, a espiritualidade se refere a manifestações humanas que buscam a superação de si, ou de obstáculos, no qual não há necessariamente uma ligação com o sagrado. Já a religiosidade pode ser compreendida como a adesão a práticas, que o indivíduo acredita e segue, como por exemplo, participação em templo religioso, leitura de livros religiosos e rezas...

E temos ainda, numa terceira leitura, de acordo Lucchetti et al (2013 p.140), que se encaminha na perspectiva já apresentada:

Em termos conceituais, a espiritualidade é definida como característica individual que pode incluir a crença em um Deus, representando uma ligação do “Eu” com o

Universo e com outras pessoas. Já a religiosidade está relacionada com uma instituição religiosa ou igreja, pela qual o indivíduo segue uma crença ou prática, proposta por uma determinada religião.

Percebemos então, de acordo com as explicações, que há sim diferença entre espiritualidade e religiosidade, e que, portanto, falar em espiritualidade não implica, necessariamente, falar em religiosidade, embora muitas pessoas não compreendam a diferença.

Atentando ao conceito de espiritualidade, daremos sequência ao tema principal deste trabalho: o humanescer na docência.

Desafios no magistério e a prática de humanescer na docência

A escola muitas vezes tem delimitado alunos, professores, e conhecimentos, fazendo com que fiquem enquadrados cada qual em seu espaço sem a junção entre si. Especialmente, quando se trata do conhecimento, ou seja, dos conteúdos a serem ensinados e aprendidos. No Brasil, por haver uma Base Nacional Comum Curricular (2017), como referência nacional, os mesmos conteúdos devem ser abordados em todo território nacional. De acordo com a BNCC (2017, p.7)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)¹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN).

Entretanto no texto final da BNCC, não foram consideradas as diversas realidades que se encontram as escolas públicas brasileiras. Tal documento ignora as especificidades locais e constitutivas de alunos e professores, limitando assim o trabalho docente a conteúdos que muitas vezes não fazem sentido para o contexto da escola e dos alunos, e conseqüentemente inibe ou limita a exploração de conteúdos que se relacionam com a cultura local e se enquadram com as necessidades e situações cotidianas presentes na localidade.

Outra característica marcante é que a Base Curricular preserva uma visão fragmentada do conhecimento e do desenvolvimento humano.

De acordo com a reportagem “Sob críticas, Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é aprovada” publicada pelo Centro de Referências em Educação Integral, em 2017,

[...] o texto final da Base é criticado por insistir em uma visão fragmentada do conhecimento e do desenvolvimento humano, por invisibilizar as questões ligadas à identidade gênero e orientação sexual, enfatizar o ensino religioso e antecipar a idade máxima para conclusão do processo de alfabetização, ignorando as especificidades de aprendizagem de cada aluno.

Nesta perspectiva, a autonomia dos professores é anulada, já que eles recebem um roteiro para conduzir as aulas, roteiro esse, pensado por outros estudiosos, vislumbrando uma realidade suposta. Os conteúdos a serem abordados em sala são colocados pela BNCC a partir de livros e apostilas, em que os professores devem se apropriar para em seguida transformá-los em aulas e exercícios para serem ensinados aos estudantes e utilizados posteriormente como base para avaliações.

Para as autoras Costa, Silva e Filipe (2021, p.798)

Embora a BNCC proclame os princípios da objetividade, da justiça distributiva, dos direitos de aprendizagem e da democracia, a busca pela qualidade educacional se fundamenta no eficientismo, que reduz o direito à Educação à concessão de serviços educacionais em suas dimensões prático-instrutivas, vinculando a qualidade aos resultados das avaliações externas. O processo educativo imposto na BNCC visa à aquisição de competências e habilidades, impõe uma relação entre currículo e avaliação por resultados e se alinha às políticas educacionais neoliberais em que a Educação se reduz a direitos de aprendizagem mínimos, oferta de serviços educacionais básicos pelo Estado e estimulação para que os indivíduos busquem a autoescolarização, uma contradição em termos [...]. As proposições da BNCC articulam-se organicamente como estratégias de reprodução do modo de produção capitalista, buscando atender à demanda da força de trabalho polivalente, multifuncional, resiliente e colaborativa no processo de expropriação de mais-valia, ao mesmo tempo em que se institui como dispositivo legal para o controle sobre o que o professor ensina, a partir de teorizações superadas e criticadas nas décadas precedentes, pelo seu caráter restritivo e empobrecedor da formação humana das funções psíquicas por meio da Educação escolar. Devido à objetividade das disputas interclassistas e à subjetividade envolvida nas escolhas sobre o que se ensina e se aprende, no limite, o controle se revela intangível.

Os professores, por sua vez, se encontram, não raramente, desmotivados e desanimados com as injustiças sociais, com a culpabilização, com a falta de autenticidade e liberdade em sua profissão, e as coerções e obrigações que os enlaçam no cotidiano da vida, fator este que pode ser visto também nos alunos. Para os educandos é possível perceber o desânimo e a descrença através de suas atitudes e comportamentos, a desatenção no estudo e

falta de interesse pela escola, pois essa, não instiga a busca e produção do conhecimento, não valoriza e preserva a cultura local, não se mostra necessária e condizente com a realidade vivida, por vezes, as aulas se mostram como conteúdos que devem ser obrigatoriamente decorados para serem escritos na hora da prova.

Tendo este cenário, em que a razão tecnicista supera a integralidade humana é imprescindível apontar para a possibilidade de uma nova forma de ensinar, essa possibilidade implica em mudanças que não são apenas metodológicas ou técnicas, mas humanas, é necessário o humanescer na docência, questão esta que abrange desde a formação docente inicial.

Para DITTRICH; RAMOS (2017, p. 116-117).

Humanescer é um fenômeno humano que faz a pessoa sentir o amor incondicional à vida, que se manifesta misteriosamente no ato educativo do encontro com o outro, com a cultura na sociedade e com a natureza, onde ocorrem processos criativos de ensinar e aprender com significado para a vida e que se dinamiza criativamente.

Este humanescer deve ser resgatado primeiramente no cuidado com o indivíduo, na relação consigo mesmo, neste sentido “cuidado é entendido como o modo de ser essencial, ou seja, é uma maneira do próprio ser estruturar-se e dar-se a conhecer. O cuidado faz parte da constituição do ser humano, pois o modo de ser cuidado o revela. Sem o cuidado ele deixa de ser humano” (RANDÜNZ,2005, et al p.474). Uma das situações que implica neste autocuidado é o resgate da relação entre humano e natureza,

Assim, necessitamos que os nossos pés sintam mais o macio da grama e as nossas mãos precisam pegar mais na terra escura e úmida, pois o mundo virtual criou um novo habitat para o ser humano, caracterizado pelo encapsulamento sobre si mesmo e pela falta do toque, do tato e do contato humano (RANDÜNZ et al p.473).

Todavia, como vimos, o ser humano é um ser social, que vive em uma comunidade, sem a qual, ele não se mantém, então quando se fala em cuidado, este se estende ao outro também.

O “cuidado espiritual pode ser compreendido como uma abordagem que tem como objetivo auxiliar as pessoas em seu processo de busca de integralidade existencial” (RUTHES E ESPERANDIO, 2019, p.252). O cuidado então, também não é algo que se limita ao material, mas que pode ser praticado na dimensão espiritual.

Saber cuidar implica aprender a cuidar de si e do outro, tendo sempre noção de nossa realidade, possibilidades e limitações. Antes de sonhar eternamente com um

mundo por vir, sonhemos com uma sociedade onde os valores se estruturam e se constroem ao redor do cuidado com as pessoas, sobretudo, considerando as diferentes culturas, saberes, ideias; com o planeta em que vivemos e com as questões que envolvem este viver em relação de cuidado uns com os outros (RANDÚNZ et al, 2005, p.473).

A Espiritualidade está na coerência da vivência humana, ela está ligada ao âmago de cada indivíduo e é permeada por convicções e valores próprios. Valores esses, que cada pessoa toma para si como base na construção e sustento das relações sociais mantidas e para a convivência consigo mesmo e com o próximo, sejam pessoas, animais, ambientes ou situações que a vida estabelece. Esses valores, são a base para a atitude de cada pessoa frente aos desafios cotidianos. Respeito, honestidade, sinceridade, humildade, cooperação, empatia, solidariedade, tolerância, justiça, liberdade, paz e verdade, são alguns valores éticos, que direcionam e conduzem o comportamento humano plausível para a convivência digna e estável da sociedade. Uma ação humana que transgride algum dos valores anteriormente citados, rompe com os princípios básicos da ética e a dignidade do outro, desconsiderando a importância e a integralidade desse.

Em se tratando de valores, como já supracitado, para o pesquisador Frankl (apud Aquino 2010, p.35), o homem é um ser em busca de sentido, seja por meio do amor e da vivência do belo (valor vivencial), seja criando algo (valor criativo) ou se posicionando interiormente perante um destino inevitável (valor atitudinal). Estes valores são exercidos durante a vida, e podem ser postos em prática das mais diversas formas pelos indivíduos, a ação deve, portanto, partir da liberdade com responsabilidade que cada um deve ter. É válido ressaltar, que a liberdade dos direitos, de cada um, é irrevogável. Sendo assim, a liberdade humana, é expressa por direitos e deveres que orientam as atitudes de cada pessoa.

Para Frankl (2017, p.74)

A essência da existência está na ênfase sobre a responsabilidade que se reflete no imperativo categórico da logoterapia, que reza: "Viva como se já estivesse vivendo pela segunda vez, e como se na primeira vez você tivesse agido tão errado como está prestes a agir agora." Parece-me que nada estimula tanto o senso de responsabilidade de uma pessoa como esta máxima, a qual a convida a imaginar primeiro que o presente é passado e, em segundo lugar, que o passado ainda pode ser alterado e corrigido. Semelhante preceito a confronto com a finitude da vida e com o caráter irrevogável (finality) daquilo que ela faz de sua vida e de si mesma. Logoterapia procura criar no paciente uma consciência plena de sua própria responsabilidade; por isso precisa deixar que ele opte pelo que, perante "que" ou perante "quem" ele se julga responsável.

Como vimos, a Espiritualidade, é o reencontro com a essência humana, disposição e sentido que a pessoa encontra para a sua própria vida. Os valores são constitutivos da

espiritualidade humana, e direcionam as ações dos indivíduos em relação ao outro. A prática de humanescer, entende que a espiritualidade é a dimensão mais profunda do ser humano (DITTRICH, 2021).

Na docência, a atitude para o desenvolvimento deste humanescer começa desde as propostas de ensino até suas formas de experimentação. As experiências estéticas apontam para o humanescer na docência, o que levam o ser humano a interagir consigo, com o outro e com a natureza.

“Na experiência estética na docência a dinâmica criativa da formação do pensar-criar-fazer-conviver indica uma forma dialógica de linguagens e conversações entre os saberes, métodos e pessoas, logo, necessita com urgência humanescer para o reencantamento no aprender a aprender, tendo em vista uma docência libertadora e criativa. O humanescer implica um processo de saber cuidar do ser humano no ensino-aprendizagem numa perspectiva integral e multidimensional na formação” (DITTRICH E MELLER, 2021 p.69)

A experiência estética contrapõe a ideia de razão tecnicista pois segundo HERMANN (p. 69 2005) citado por Dittrich e Meller (2021)

A experiência estética produz uma oposição ao mundo cotidiano, seu êxito estaria na possibilidade de vivenciar o singular como contraponto à trivialização da vida e da rigidez de princípios éticos abstratos que, totalmente desencarnados, distanciam-se sempre mais do mundo da vida. Assim, a experiência estética dirige nossa atenção para o inesperado, àquilo que é diferente de nós e traz também a promessa de uma reconciliação não forçada do particular com o universal, abrindo um espaço de experiência que não pode ser dado pela justificação racional.

Neste sentido, a experiência estética, favoreceria o fenômeno do humanescer, pois ela está em valorizar os mínimos detalhes, as pequenas situações, já que por muitas vezes, comandados pela urgência do tempo cronológico, os indivíduos deixam de apreciá-las para dar conta dos turbilhões de atividades diárias que sobrecarregam as agendas pessoais.

Na escola, entre alunos e professores, a situação não é diferente. Os conteúdos devem ser abordados e avaliados, os alunos devem “ingerir” toda a carga conteudista sem mesmo compreenderem sua necessidade, aquilo que poderiam ser facilmente entendidos através de um experimento ou explicações com situações cabíveis são colocados de forma abstrata e fazem parte do acervo a ser decorado, a partir do qual, os alunos serão avaliados e classificados para a próxima etapa de escolarização. No entanto, uma outra configuração é possível.

Segundo Dittrich (2021, n.p)

A vida que pulsa no professor, pulsa no aluno, E aí acontece o fato mais lindo o conhecer e o aprender a aprender mais, para saber resolver seus problemas, projetar seus objetivos e encontrar sentido na descoberta e cumprimento desse processo que implica construção e qualidade de felicidade na descoberta mesmo do "por que ser no mundo".

Nesta perspectiva, o modo de ser do professor pode despertar no aluno o interesse pela busca do novo, do conhecimento científico e escolar, que pode mudar a realidade a partir do conhecimento e vivência da própria localidade. Práticas de ensino que libertam a mente dos alunos são aquelas que partem do conhecimento compreendido e que desestabilizam o sabido dos estudantes, a partir do ensino de novas informações que possibilitam a organização de novas hipóteses e saberes. Para tanto, os professores devem procurar libertar-se das amarras do tradicionalismo, construindo um outro tempo para a educação. Se permitirem a experiência do novo, novos conhecimentos, novas teorias, novas formas de ser, e novas formas de ensinar. Posto isso, é necessário buscar por novos tempos. Nas palavras de Beauclair (2011, p.2)

Novos tempos onde seja possível a existência da multirreferencialidade, dos pensamentos míticos, mágicos, empíricos, racionais, lógicos, da objetividade, da subjetividade, da Filosofia, da Ciência, das Artes em processos de auto-eco-organização que gerem motivos novos para seguirmos com a busca maior de todo o ser humano: a busca da Poesia, da Alegria e da Felicidade, enfim. Façamos a nossa parte, aceitando-nos com Amorosidade.

A realidade educacional pode ser mudada, o processo do ensino aprendizagem, da construção do conhecimento se dão na constante criação e soluções de problemas da vida. Humanescer é legitimamente a vivência do ensinar a aprender com criatividade e sabedoria. É sentir o pulsar do amor na vida manifesta no acolhimento diante do outro.

Para tanto é necessário que os professores, se abram à possibilidade de humanescer na docência para que novas histórias sejam desenhadas no sistema educacional.

Para DITTRICH; RAMOS (2017, p. 116-117)

Humanescer na educação transdisciplinar é vencer a separatividade do sentir, pensar e agir. É deixar florescer o humano no humano que existe em cada pessoa. Esse é o aprender a aprender a ser gente para o bem o qual se mostra na capacidade de respeito e amorosidade no saber pensar e agir com criatividade e criticidade, tendo em vista e o encantamento com a sabedoria, que vem de diferentes áreas de conhecimento e se articula para promover novos processos criativos de conhecimentos. Com efeito, esse processo transdisciplinar que empodera o humano para poder ser por si, fora de si diante do outro e para si nas inter-relações no mundo da natureza e da cultura. Humanescer no ensino-aprendizagem é antes de tudo saber expressar, em cada olhar e em cada gesto, uma sabedoria de amor a si e ao outro,

respeitando a vida como um fenômeno sagrado, que se mostra na complexidade de consciências que se levantam e se encontram, para dialogar desde múltiplos saberes, numa sala de aula, por exemplo. Afinal, o amor a si mesmo e ao outro faz nascer à vontade de descobrir a verdade sobre

Há grande importância no movimento de mudança no trabalho docente e enquanto convite para que outros profissionais aceitem o desafio de conceber-se enquanto ser integral e deste modo, contribuam para uma formação dos estudantes, que são, também, seres integrais.

Compreendendo o humanescer na docência,

[...] com uma nova visão de ensinar, pautados na diversidade cultural, na solidariedade, na afetividade, no amor, no sentir, principalmente com um olhar mais humanizador, pensando principalmente no outro [...] as experiências estéticas possibilitaram aprendizagens atreladas a expressividade e criatividade do ser humano no seu sentir, pensar, agir e conviver envolvido no humanescer que integra o respeito e defesa à vida” (DITTRICH e MELLER, 2021, p.81).

Aqui a defesa da experiência enquanto uma forma de aprender a partir dos sentidos. As mais diversas situações que envolvem o ser, possibilitam que este tenha chances de construir conhecimentos científicos e pessoais que o levarão à descoberta do mundo e de si próprio. Nas palavras de Bondía (2002, p.25):

O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “ex-posição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre

Compreendendo o humanescer enquanto experiência, no sentido apresentado por Bondía (2002) entendemos que:

O envolvimento na condição de uma docência que prioriza a experiência estética colabora com o humanescer na existência e possibilita de conexão com o eu e com o outro nos saberes e conquistas sociais. Diante do exposto, ser discente na jornada acadêmica de formação dentro de uma docência de experiências estéticas certamente pode possibilitar descobertas de conhecimentos criativos e coerentes com o ser sensível inteligível nas suas subjetividades, e esse é caminho para um humanescer com força criativa para uma postura de justiça social no desenvolvimento de uma cidadania saudável (DITTRICH e MELLER, 2021, p. 66).

Dittrich e Meller (2021) propõe “uma docência que prioriza a experiência estética” a qual poderia criar condições para um “humanescer na existência”, Aquino (2021), apesar de não usar o tema humanescer, também aponta a este como uma experiência do ser mais.

A partir da compreensão que humanescer faz-se necessário cada vez mais, na vida humana, temos na arte outra experiência que possibilita tal situação, que se dá da vida interior para o exterior: “mas, sendo a arte incapaz de salvar a humanidade, ao menos poderia salvar a própria humanidade do ser humano? A arte não salvará a humanidade, mas salva a humanidade do ser humano; o ser humano, por sua vez, salvará a humanidade” (AQUINO, 2021, p.40)

Para este autor, a experiência artística a partir da criação de uma obra é a expressão da essência interna de seu criador para o externo, nela, o compositor, registra sentimentos, valores, pensamentos, opiniões que são manifestadas através das formas, cores e marcas construídas. Outra forma de experienciar a arte se dá quando exposta uma obra, nesse caso, o apreciador, tem a possibilidade de significá-la e ressignificá-la conforme suas vivências anteriores. A experiência de produção e contemplação das obras de arte são uma forma de desenvolver o humanescer, e é válido ressaltar que a arte não está restrita aos Museus, a arte está no desabrochar de uma flor, no crescimento da vegetação, no pôr do sol, no nascer da lua, na criação, na natureza, enfim, na pulsante vida. Em síntese a arte está acessível a qualquer pessoa, em qualquer lugar, independente das condições que a vida apresenta.

Considerações finais

Compreendendo o ser humano enquanto um sujeito integral constituído pelas dimensões biológica, psicológica e espiritual, abordamos a integralidade da pessoa humana. Buscando compreender esta integralidade trouxemos o conceito de espiritualidade e a importância que essa dimensão tem na vida. Dimensão especificamente humana e diferenciado o ser humano dos outros seres vivos.

Os humanos são seres livres, que têm opção de escolha para tomar uma decisão a partir de situações impostas pela vida. Em seu ir e vir, valores e experiências que constituem a pessoa se fazem marcas em seu discurso e escolha. Os valores que integram a vida humana, permeiam a Espiritualidade, que por sua vez, está na coerência da vivência humana e conseqüentemente está ligada ao íntimo de cada indivíduo. O humanescer, enquanto atitude, está estreitamente ligado à espiritualidade e o estudo da pessoa integral nos leva diretamente à

compreender a importância do tema para a docência. Na docência, o desenvolvimento deste humanescer começa desde as escolhas para o ensino até suas formas de experimentação. O humanescer na docência aponta para experiências estéticas que levam o ser humano a interagir consigo, com o outro e com a natureza. Ao se abrir para a estar com o outro, a pessoa aprende a estar no mundo de forma proposital, de forma que haja sentido na vida, de forma a buscar o sentido nos estudos e encontrar este sentido no conhecimento. E, desta forma, a possibilidade de uma experiência escolar que contemple a integralidade tanto do docente quanto do estudante.

Estar aberto e atento ao cuidado necessário consigo e com o outro a fim de não deixar que o cotidiano acelerado atropela a humanidade que há em nós, que a sociedade caótica não impeça as experiências de ser e estar nesta terra, na vida. O sentido da vida deve estar em estar vivo, e nesta travessia, caminhar com a sociedade. Transformar a autotranscendência em um estilo de vida. Conhecer o amor como uma fonte de cura. Libertar-se dos aprisionamentos internos para que estes não enclausurem a possibilidade de felicidade. Compreender que escolhermos sofrimento pode levar à maturidade e que as situações vividas podem ser enfrentadas com a resposta que dá a elas. Entender que o contato com o natural pode despertar o ser mais íntimo do humano. Se abrir para a beleza que é a transformação da natureza a todo momento, e deixar que esta percepção de vida traga qualidade em um ser e estar terreno, que não se finda na matéria, mas que se eleva na sua dimensão espiritual. Ser quem é, independentemente do local, revelar o humanescer ao próximo, para que assim como as emoções, esta forma de vida possa contagiar ao próximo, para que possamos quiçá sonhar com um mundo melhor, que se constrói a partir do ato do humanescer.

Referências

AQUINO, Thiago Antonio Avellar de; SILVA, Joilson, Pereira da; FIGUEIRÊDO, Ana Thaís Belém de; DOURADO, Érica Tailane Silva; FARIAS, Estefânia Coeli Santos de. Avaliação de uma Proposta de Prevenção do Vazio Existencial com Adolescentes. *Psicologia Ciência e Profissão*, vol. 31, núm. 1, 2011, pp. 146-159. Conselho Federal de Psicologia Brasília, Brasil. Disponível em :
<https://www.scielo.br/j/pcp/a/bVTqbTKMtny4c7TbMYTtFDj/abstract/?lang=pt>
Acesso em 07/02/2021

AQUINO, Thiago Antonio Avellar de. *ESPIRITUALIDADE E ARTE: o homem em busca de sentido*. Belo Horizonte, Brasil, v. 16, n. 01, p. 33-52, jan./jun. 2021 - ISSN 1983-2478. Disponível no link: <https://www.redalyc.org/journal/3130/313066091004/html/>
Acesso em 04.06.2021

BEAUCLAIR, João. Conceitos para “humanescer”: Complexidade na formação humanística. Bis Revista Publicação Do Sinop- Mg Ano 03 N.12 Ago/Set/Out 2011.
Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-educacao/3339710>
Acesso em 25/11/2021

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista brasileira de educação, 2002 - SciELO Brasil
Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/abstract/?lang=pt> Acesso em 29/11/2021.

CARMELO, Luis Enrique Paulino. Livro Digital - As Dez Teses da Pessoa Humana...
Disponível em: <https://docero.com.br/doc/xccs1x8>
Acesso em 25/11/2021.

CRUZ, Josilene Silva da. AQUINO, Thiago Antonio Avellar de. Espiritualidade E Resiliência: Relevância E Implicações No Pensamento Frankliano. REVER • São Paulo • v. 20 • n. 2 • mai/ago 2020.
Disponível no link: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/50686>
Acesso em 12.06.2021

DITTRICH, Maria Glória. O corpo-criante, cuidado à saúde e artererapia Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). Anais. 18º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. Curitiba/PR. Centro Reichiano, 2013 [ISBN – 978-85-87691-23-1].
Disponível no link: https://www.centroreichiano.com.br/artigos/Anais_2013/DITTRICH-Maria-Gloria-O-corpo-criante.pdf
Acesso em 04.06.2021

DITTRICH, Maria Glória. MELLER Vanderléa. A Experiência Estética Na Docência: Humanescer Para A Justiça Social. Polyphonia, v. 32/1, jan.-jun. 2021. Acesso em 18.06.2021
Disponível no link: <https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/67391>

DITTRICH, Maria Glória. e RAMOS, Flávio. Um olhar transdisciplinar sobre a formação universitária: desafios para humanescer na saúde. Revista Plurais - Virtual, Anápolis-Go, Vol. 7, n. 1-Jan/jun. 2017-p. 114-130.
Disponível em:
<https://www.praxia.ueg.br/index.php/revistapluraisvirtual/article/view/7554/5300>
Acesso em: 09/02/2022

FILIPE, Fabiana Alvarenga. SILVA, Dayane dos Santos. COSTA, Áurea de Carvalho. Uma base comum na escola: análise do projeto educativo da Base Nacional Comum Curricular. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.29, n.112, p. 783-803, jul./set. 2021
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/PbZbjrWHzzQ3Yt4LBFzK6NF/>
Acesso em: 06/02/2022

FORTI, Samanta. SERBENA, Carlos Augusto. SCADUTO Alessandro Antonio. Mensuração da espiritualidade/religiosidade em saúde no Brasil: uma revisão sistemática Ciência & Saúde Coletiva, 25(4):1463-1474, 202.
Disponível no link:
<https://www.scielo.br/j/csc/a/SC3ncDvp9mgfHPDmYzg5Gkc/abstract/?lang=pt>

Acesso em 18.06.2021

FRANKL, Viktor Emil. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. 44ª ed., S. Leopoldo: Editora Sinodal, Petrópolis: vozes, 2017.

Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/58/o/Em_Busca_de_Sentido_-_Viktor_Frankl.pdf

acesso em 29/11/2021

_____ A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia / Viktor E. Frankl; [tradução Ivo Studart Pereira]. - Ed. ampl., incluindo o posfácio "A desguruficação da logoterapia". - São Paulo: Paulus, 2011. - Coleção Logoterapia.

Disponível em: <https://docero.com.br/doc/s1cn15s>

Acesso em 08/02/2022

_____ A presença ignorada de Deus / Viktor E. Frankl. Traduzido por Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 18. ed. rev.-São Leopoldo: Sinodal: Petrópolis: Vozes, 2017.

Disponível em: <https://docero.com.br/doc/s1cn15s>

Acesso em 08/02/2022

_____ De la Psicoterapia a la Logoterapia. Psicoanálisis y existencialismo / Viktor E. Frankl; trad. de Carlos Silva, José. Mendoza. - 2ª ed. - México: FCE, 1978. 359 p.: 17 x 11 cm- (Colec. Breviarios; 27). D. R. 1978, Fondo de Cultura Económica Carretera Picacho-Ajusco, 227; 14738, México, D. F. Empresa certificada ISO 9001: 2008.

Disponível em: <https://meupdf.com/psicoterapia-e-sentido-da-vida-viktor-frankl/>

Acesso em 08/02/2022

_____ Psicoterapia e sentido da vida. São Paulo: Quadrante (Originalmente publicado em 1946). Frankl, V. E. (1989a).

Disponível em: https://mega.nz/file/7RogzKgI#rFMqmk0v5MUXXtDPsCO_Ikq4ela-WXlkyiBgbkf71gA

Acesso em 25/07/2022

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, 28ª edição. Paz e Terra, 2021.

FREITAS, Fabrício Monte. SILVA, João Alberto da. LEITE, Maria Cecília Lorea. Diretrizes Invisíveis e Regras Distributivas nas Políticas Curriculares da Nova BNCC. Currículo sem Fronteiras, v. 18, n. 3, p. 857-870, set./dez. 2018.

Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol18iss3articles/freitas-silva-leite.pdf>

Acesso em 09/02/2022

LUCCHETTI Giancarlo. ET AL. Saúde, Espiritualidade E Ética: A Percepção Dos Pacientes E A Integralidade Do Cuidado. Rev Bras Clin Med. São Paulo, 2013 abr-jun;11(2):140-4.

Disponível no link: <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2013/v11n2/a3566.pdf>

Acesso em 09.07.2021

RANDÜNZ, Vera. ET AL. O Cuidado Na Perspectiva De Leonardo Boff, Uma Personalidade A Ser (Re)Descoberta Na Enfermagem. Rev Bras Enferm 2005 jul-ago; 58(4):471-5.

Disponível no link:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/LL8jXjvRjg8Gm5gyrHtGnNM/abstract/?lang=pt>

Acesso em 09.07.2021

RUTHES, Vanessa Roberta Massambani. ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. Cuidado Espiritual e a Busca Da Integralidade Do Ser Humano: Reflexões A Partir Da Teologia De Dietrich Bonhoeffer. Estudos Teológicos São Leopoldo v. 59 n. 1 p. 241-255 jan./jun. 2019. Disponível no link:

https://www.researchgate.net/publication/346808082_Cuidado_espiritual_e_a_busca_da_integralidade_do_ser_humano_reflexoes_a_partir_da_teatologia_de_Dietrich_Bonhoeffer
Acesso em 12.06.2021

Sob críticas, Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é aprovada. Centro de Referências em Educação Integral, 2017.

Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/sob-criticas-base-nacional-comum-curricular-bncc-e-aprovada/>

Acesso em: 09/02/2022

UFJF, Grupo Acolhe FACED. Educação, Saúde e Espiritualidade no Ensino Superior. Youtube. 27 de maio de 2021.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g7PPJS99VDU&t=990s>

Acesso em: 08/02/2022

UFJF, Grupo Acolhe FACED. Espiritualidade Natural e o Humanescer na Docência. Youtube. 25 de maio de 2021.

Disponível em: <https://youtu.be/DUeASGco6eA>

Acesso em 27/11/2021